

Índice

O Regime de Informação	9
Infocracia	19
O Fim da Ação Comunicativa	31
Racionalidade Digital	41
A Crise da Verdade	51

O Regime de Informação

Chamamos regime de informação àquela forma de domínio na qual a informação e o seu processamento por meio de algoritmos e de inteligência artificial determinam de um modo decisivo os processos sociais, económicos e políticos. Ao contrário do regime disciplinar, não se exploram *corpos e energias*, mas *informação e dados*. O que é decisivo para conseguir o poder não é, pois, a posse dos meios de produção, mas o acesso à informação, utilizada para vigilância, controlo e prognóstico do comportamento a nível psicopolítico. O regime de informação está associado ao capitalismo de informação, que se desenvolve convertendo-se em capitalismo de vigilância e que degrada os indivíduos, tornando-os *dados e gado consumidor*.

O regime disciplinar é a forma de domínio do capitalismo industrial. Ele próprio assume um modelo maquinal. Cada pessoa é uma pequena engrenagem no interior da maquinaria do poder disciplinar. Este penetra nos circuitos nervosos e nas fibras musculares e converte «uma massa informe, um corpo inapto» numa «máquina».¹ Fabrica corpos «dóceis»: «É dócil um corpo que pode ser submetido, utilizado, alterado e aper-

¹ Michel Foucault, *Surveiller et Punir. Naissance de la Prison*, Paris: Gallimard, 1975. [*Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*, Lisboa: Edições 70, 2018.]

feiçãoado.»² Os corpos dóceis como máquinas de produção não são *portadores de dados e de informação*, mas *portadores de energias*. No regime disciplinar os seres humanos são treinados para se tornarem *gado laboral*.

O capitalismo de informação, assente na comunicação e na ligação em rede, torna obsoletas técnicas disciplinares como o isolamento espacial, a regulamentação rigorosa do trabalho ou o adestramento físico. A «docilidade» (*docilité*), que também significa submissão ou obediência, não é o ideal do regime de informação. O sujeito submetido do regime de informação não é dócil nem obediente. Mas julga-se *livre, autêntico e criativo*. *Produz-se e apresenta-se em cena*.

O regime disciplinar descrito por Foucault utiliza o isolamento como meio de domínio: «A solidão é a condição primeira da submissão total.»³ O panóptico, com celas isoladas umas das outras, é o símbolo e o ideal do regime disciplinar. Mas o isolamento não se pode transpor para o regime de informação, que explora precisamente a comunicação. A vigilância no regime de informação ocorre através de dados. Os ocupantes do panóptico disciplinar, isolados em si mesmos, não produzem dados, não deixam pistas de dados, porque *não comunicam*.

O alvo do poder disciplinar biopolítico é o corpo: «Para a sociedade capitalista, o que importa acima de tudo é o biopolítico, o biológico, o somático, o corporal.»⁴ No regime biopolítico, sujeita-se o corpo numa maquinaria de produção e vigilância que o otimiza por meio de uma ortopedia disciplinar. Em contrapartida, o regime de informação, cujo aparecimento Foucault, como é evidente, não reconheceu, não visa nenhuma *biopolítica*. O seu interesse não diz respeito ao corpo. Ele apodera-se da *psique* por meio da *psicopolítica*. O corpo é ho-

2 *Ibid.*

3 *Ibid.*

4 Michel Foucault, «La naissance de la médecine sociale», *Dits et écrits*, vol. III, Paris: Gallimard, 1974.

je, acima de tudo, um objeto da estética e do *fitness*. Pelo menos no capitalismo de informação ocidental, está em grande medida liberto do poder disciplinar, que o adentra para ser uma máquina de trabalho. Agora é a indústria da beleza a monopolizá-lo.

Todo o domínio segue a sua própria *política de criação de visibilidade*. No regime de soberania, as aparatosas encenações do poder destinam-se fundamentalmente a afirmar a soberania. O espetáculo é o seu meio de expressão. O domínio apresenta-se com um esplendor teatral. Melhor dizendo, é o *esplendor* que o legitima. As cerimónias e os símbolos do poder estabilizam o domínio. As coreografias e os adereços do poder com impacto no público, a celebração e o cerimonial sombrios da punição fazem parte do domínio, tal como o teatro e o espetáculo. A tortura física é exibida como chamariz. Os verdugos e os condenados atuam como atores. A esfera pública é um palco. O poder da soberania atua com base na visibilidade teatral. É um poder que se dá a ver, que se anuncia, se vangloria e resplandece. Porém, os submetidos, nos quais aquele se exerce, permanecem em grande medida invisíveis.

Ao contrário do regime de soberania pré-moderno, o regime disciplinar moderno não é uma sociedade do espetáculo, mas uma sociedade da vigilância. Cerimónias faustosas da soberania e exibições de poder espetaculares dão lugar a discretas burocracias da vigilância. Os indivíduos não se encontram «no palco nem nas bancadas», mas na «máquina panótica».⁵ No regime disciplinar, a relação de visibilidade inverte-se por completo. Quem se torna visível não são os dominadores, mas os dominados. O poder disciplinar torna-se invisível, ao mesmo tempo que impõe aos submetidos uma visibilidade permanente. Para assegurar o acesso ao poder, os subjugados ficam expostos à luz dos holofotes. O «ser visto sem cessar»

5 Foucault, *Surveiller et Punir*, op. cit.

mantém o indivíduo submetido ao regime disciplinar na sua sujeição.⁶

A eficiência do panótico disciplinar reside no facto de os seus ocupantes se sentirem observados em permanência. Interiorizam a vigilância. Para o poder disciplinar é essencial «induzir um estado consciente e permanente de visibilidade».⁷ No Estado de vigilância de George Orwell, o Big Brother garante uma visibilidade constante: *Big Brother is watching you*. No regime disciplinar, medidas espaciais, como o confinamento e o isolamento, asseguram a visibilidade dos subjugados. São-lhes atribuídos determinados lugares no espaço, que não estão autorizados a abandonar. A sua mobilidade é fortemente limitada, de modo a não poderem escapar ao controlo do panótico.

Na sociedade da informação, meios de confinamento do regime disciplinar convertem-se em redes abertas. O regime de informação baseia-se nos seguintes princípios topológicos: suprimem-se as descontinuidades em benefício das continuidades, os confinamentos dão lugar a aberturas e as celas de isolamento são substituídas por redes de comunicação. A visibilidade é agora produzida de uma maneira muito diferente, *não pelo isolamento, mas pela ligação em rede*. A tecnologia de informação digital transforma a comunicação em vigilância. Quanto mais dados criamos, quanto mais intensivamente comunicamos, mais eficiente se torna a vigilância. O telemóvel como instrumento de vigilância e de submissão explora a liberdade e a comunicação. Além disso, no regime de informação, as pessoas não se sentem vigiadas, mas livres. De forma paradoxal, é precisamente a sensação de liberdade a assegurar o domínio. Neste aspeto, o regime de informação distingue-se fundamentalmente do regime disciplinar. *O domínio atinge o ponto culminante no momento em que a liberdade e a vigilância coincidem.*

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*

O regime de informação prescinde de qualquer coação disciplinar. Não se impõe aos indivíduos uma visibilidade panóptica. Mais do que isso, estes expõem-se sem qualquer coação externa, movidos por uma necessidade interior. *Produzem-se*, ou seja, entram em cena. A expressão francesa *se produire* significa *dar-se a ver*. No regime de informação, os indivíduos esforçam-se *por si mesmos* para alcançar a visibilidade, enquanto o regime disciplinar os obriga a isso. Colocam-se de livre vontade sob a luz dos holofotes, ou melhor, procuram-na, enquanto os ocupantes do panótico disciplinar procuram escapar-lhe.

Dá-se o nome *transparência* à política de criação da visibilidade do regime de informação. Quem aplica o termo transparência exclusivamente à política de informação aberta de uma instituição, ou pessoa, subestima o seu alcance. A transparência é a *imposição sistémica do regime de informação*. Segundo o imperativo da transparência, *tudo tem de se apresentar como informação*. Transparência e informação são sinónimos. A sociedade da informação é a sociedade da transparência. O imperativo da transparência permite a livre circulação da informação. Quem é verdadeiramente livre não são os indivíduos, mas a informação. O paradoxo da sociedade da informação reside no facto de *os seres humanos serem prisioneiros da informação*. Colocam grilhetas a si mesmos ao comunicar e produzir informação. *A prisão digital é transparente*.

A Flagship-Store da Apple em Nova Iorque é um cubo de vidro. Trata-se de um *templo da transparência*. Em termos de política da visibilidade, ela é a antítese arquitetónica da Caaba de Meca. Caaba significa literalmente cubo. Um manto denso e escuro não permite vê-la. Apenas sacerdotes têm acesso ao interior. O *arcano*, que recusa toda a visibilidade, faz parte integrante do domínio teopolítico. O espaço mais interior dos templos gregos, que se subtrai à visibilidade, chama-se *adyton* (literalmente: o inacessível). Só sacerdotes têm acesso ao es-